

REIMAGINANDO A CIDADE: A TRANSPOSIÇÃO DAS INTERVENÇÕES URBANAS DAS RUAS DE SP PARA AS POSTAGENS NO INSTAGRAM¹

Agnes de Sousa Arruda Rocco²; Tatiana Penna Madeira³

RESUMO

As intervenções urbanas fazem parte da paisagem da capital paulista já há alguns anos. Com mensagens de reflexão sobre a vida na cidade, manifestações desse tipo podem representar um processo de resistência ao imaginário social instituído sobre a cidade de São Paulo. Com a cultura da convergência, as intervenções também ganharam espaço nas redes sociais na internet. Observar, no Instagram, a série de perfis que se dedicam a reproduzir aquilo que já acontece nos muros da cidade é, sem dúvida, digno de nota para pesquisadores da Comunicação que entendem que comunicar é muito mais que a mera troca de informação, mas sim a criação, o estabelecimento e a manutenção de vínculos fortes.

Palavras-chave: Mídia; Imaginário; Resistência Espaço Urbano; Ciberativismo

Introdução: A cidade insurgente

São Paulo, capital do estado brasileiro homônimo, é uma rica fonte de observação e pesquisa para investigadores das mais diversas áreas do conhecimento. No que diz respeito ao campo da Comunicação, não é diferente. Neste artigo, em que se trabalham questões relacionadas à comunicação insurgente, aquela que acontece de forma orgânica, nas ruas, alheia à mídia hegemônica e àquilo que é pautado por ela, a cidade é vista não apenas como uma plataforma para que essa comunicação ocorra, mas é com ela, por meio dela e para ela, que as intervenções urbanas existem.

Hillman (1993) é quem faz o alerta para que se olhe a cidade como esse organismo vivo. Para o autor pós-junguiano, há uma série de elementos culturais ancestrais presentes nas cidades que foram, com o passar dos anos e o avanço do urbanismo como é conhecido hoje, deixados de lado, em segundo, terceiro plano. Esses elementos, no entanto, se fazem

¹ Artigo apresentado ao Eixo Temático 07 – Espaço Urbano / Direito à cidade / Mobilidade do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

² Professora coordenadora de Design Gráfico, Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Doutoranda com bolsa CAPES-PROSUP em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). Integrante do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário (UNIP). E-mail: agnesarruda@gmail.com

³ Mestranda em Comunicação pela UNIP. Especialista em Políticas e Práticas de Promoção Humana pela FAPSS e Graduação em Serviço Social pelo Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos (2007). Coordenadora no Instituto Anchieta Grajaú e docente do curso de Serviço Social na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo - UNIESP. E-mail tatisilpenna@gmail.com.

presentes, apesar de esquecidos, na forma como as pessoas se relacionam com a cidade, e eventualmente se manifestam em ações como a intervenção urbana, por exemplo.

Nesse sentido, para fins de conceituação, fala-se neste artigo da intervenção urbana não apenas como manifestação artística ou urbanística, como uma mera modificação visual dos espaços urbanos, mas sim como uma apropriação das culturas populares pelo espaço público, a partir da discussão de questões sociais bastante relacionadas ao direito à cidade e às políticas de inclusão.

As práticas de intervenção urbana que se propõem a extrapolar a experimentação estética numa união entre arte e vida, e que se colocam de forma crítica na sociedade, buscam inspiração para suas atividades em movimentos artísticos que remontam a uma tradição que tem seu início no Surrealismo e no Dadá-Berlim. Há um caminho que liga as experimentações formais na arte, os movimentos contra culturais da década de 60, até as práticas comunicacionais subversivas de coletivos, grupos de intervenção urbana e outras formas de ativismo midiático, mesmo que, neste percurso, estilhacem-se os ideais de totalidade e as grandes utopias. (MAZETTI, 2006, p. 4).

Na intervenção urbana, a comunicação não atende ao modelo tradicional de comunicação que pressupõe um emissor, um meio, uma mensagem e um receptor. Trata-se de um organismo vivo que a todo tempo subverte esse conceito.

Os processos de comunicação verticais, em que o receptor é submetido, mesmo que a contragosto, aos desígnios do emissor é subvertida nas práticas de intervenção urbana. À figura do espectador passivo, é contraposto um novo tipo de espectador, que não se resume ao âmbito da recepção, pois busca criar um diálogo com as informações que lhe cercam, de modo cada vez mais invasivo, no dia-a-dia. A cidade, com seus cartazes, placas de trânsito, fachadas de lojas e outdoors, transforma-se e renova-se, então, como lugar de troca simbólica. Troca esta que, por si só, já uma politização do cotidiano, uma vez que o diálogo é aberto "à força", através de intervenções ilícitas, em atos de desobediência civil. (Idem, p. 5).

No Brasil, o pioneirismo dessas atividades ficou por conta de grupos como 3nós3, Viajou Sem Passaporte e Manga Rosa já nos anos 1970, e hoje fazem parte da paisagem de São Paulo assim como o contraste arquitetônico existente entre os prédios seculares da região central com os ultramodernos arranha-céus da região da Vila Olímpia, ou o intenso contato com a miscelânea de etnias que a cidade abriga, bem como a confusão que é tentar compreender o frenético ritmo de vida de seus habitantes, apenas para citar algumas das tantas características da Capital.

É comum, por exemplo, em uma caminhada pela cidade, dobrar uma esquina e se deparar com um poste de luz envolvido em uma manta de crochê, ou com um poema escrito a giz no chão de uma movimentada avenida, ou até mesmo encontrar bueiros e cestos de lixo grafitados, entre tantas outras manifestações⁴, que apesar de heterogêneas entre si, têm em comum, no entanto, a característica de passarem uma mensagem, positiva ou, então, reflexiva, sobre a cidade, num processo que, de acordo com Arruda Rocco e Miklos (2016), pretende reimaginar um município que, desde sua fundação, vem sido identificado como frio, inóspito, duro com seus moradores.

Imagem 1: O coletivo Serviços Gerais atua desde 2011 na capital paulista realizando ações de reparo na cidade, chamando a atenção para situações que deveriam ser resolvidas, de fato, pelo poder público.



Fonte: Hypeness (2014)

_

⁴ O portal Catraca Livre apresenta uma relação dessas intervenções no seguinte endereço: https://catracalivre.com.br/sp/tag/intervencao-urbana/.

Imagem 2: Já o coletivo Escala Humana cultiva temperos frescos em postes da cidade, incentivando quem vê ou colhe as plantas, a fazer o mesmo em um outro poste da cidade, incentivando a típica solidariedade interiorana, dessa vez, na megalópole.



Fonte: Blasting News (2015)

Imagens 3 e 4: Já a intervenção do artista plástico Eduardo Srur, com o nome "Às Margens do Rio Pinheiros", coloca personagens em situações impensáveis nos dias de hoje: prontas para nadar e se divertir em um dos rios mais poluídos do Brasil.



Fonte: Planeta Sustentável (2014)

São Paulo, mídia e (re)imaginação

Ninguém chega a ser um nesta cidade, As pombas se agarram nos arranha céus, faz chuva. Faz frio. E faz angústia... É este vento violento Que arrebenta dos grotões da terra humana Exigindo céu, paz e alguma primavera. Mário de Andrade

Cmpreende-se que a função social das cidades é servir como local de trocas, podendo ser essas ser de ordenamento comercial e cultural. Como não podia deixar de ser, São Paulo não fugiu à regra. Desde seu nascimento, a cidade carrega a essência de um lugar de

encontros, facilitado talvez pela transferência do centro econômico do País, antes o Rio de Janeiro para a Capital do estado, no rastro da intensa industrialização que atraiu pessoas de lugares distintos do Brasil e de outros países. Todavia, esse processo culminou em uma babilônia cultural, manifestas por meio do imaginário social que de certa forma engendrou a cidade.

Corroborando esta percepção, a imagem a seguir, que mostra a obra em homenagem aos Bandeirantes "Monumento às Bandeiras" de Victor Brecheret, pichada em setembro de 2016, exemplifica o imaginário oficial de que São Paulo é resulto de uma construção de povos e culturas diferentes.

Imagem 5: A obra Monumento Às Bandeiras, de Victor Bacheret, foi inaugurada na década de 50 e está localizada no parque do Ibirapuera, no complexo da praça Armando Salles de Oliveira. Além dessa obra, a estátua de Borba Gato, em Santo Amaro, também sofreu a intervenção.



Fonte: G1 (2016)

Isso porque esse imaginário (r)existente se manifesta a partir da cultura popular, ocupando o espaço dele por direito: as ruas.

Nesse sentido, diverso e cultural, a cidade, no imaginário social, é representada por arquétipos de pensamentos (abstrato) e o real (concreto), que simbolizam sua vocação cosmopolita, expressas no que Jung vai descrever como "adaptações e mutações significativas" (JUNG, 2008).

São Paulo que amanhece trabalhando, São Paulo que não pode adormecer, Porque durante a noite, O Paulista vai pensando, Nas coisas Que de dia vai fazer! Peri Ribeiro

A letra de Peri Ribeiro remete a uma reflexão acerca da construção do imaginário coletivo, que denota quanto à imagem feita da São Paulo, posto que, em toda América Latina, esta é a cidade de maior concentração de filiais brasileiras de corporações transnacionais, o que caracteriza o discurso muitas vezes representado sobre a metrópole de que ela é uma 'cidade que não dorme', que se mantém em constante movimento.

Por esta perspectiva segundo Castoriadis,

Se considerarmos, para uma dada sociedade, como "operam" seu magma de significações imaginárias sociais e as correspondentes instituições, perceberemos, entre a organização social e a organização biológica, uma similaridade em um aspecto preciso: quanto à clausura (clôture), para empregar o termo de Francisco Varela. Tanto a organização social como a organização biológica exibem uma clausura organizacional informacional e cognitiva. (CASTORIADIS, 1997, p. 240).

Nesse sentido, o autor reforça a ideia de que "é a instituição da sociedade que determina o que e o que não é "real", o que "tem sentido" e o que é desprovido dele" (CASTORIADIS, 1997, 240), ou seja, toda sociedade cria seu próprio mundo possibilitado pelo imaginário, que dá lugar a relação criativa e criadora com o mundo.

Na medida em que a teoria do imaginário é discorrida e/ou conceituada por diversos autores que desenvolvem essa tese em sua maioria de forma conflitante, no cenário deste estudo busca-se descrever o sentido de imaginário a partir de sua perspectiva ontológica, tomando como referência inicial Bachelard apud Augras, que descreve o imaginário como:

Uma força, positiva caracterizada pelo seu dinamismo que põe em ação os recursos presentes no sujeito para atualizar as imagens internas e externas que, em conseqüência, tomam feições como escreve Jean Jacques Wunenburger (1997: 72), de "veiculo de exploração de significações potenciais, que nos permitem descobrir a riqueza do cosmo e do Ser. (BACHELARD, apud AUGRAS, 2009, P. 219).

Percebe-se, neste trabalho, a metrópole a partir do que descreve Castoriadis (1997, p. 236), de que "o homem só existe na e pela sociedade – e a sociedade é sempre histórica. A sociedade como tal é uma forma, e cada sociedade dada é uma forma particular e mesmo singular". Assim, esta instituição imaginária colocada sobre a cidade de São Paulo dá significação à funcionalidade social que vai formar o pensamento dos ocupantes deste espaço urbano, que tem seu modo de vida norteado por símbolos "naturais e espontâneos" (JUNG, 2008, p. 64). Esses símbolos influem sobre a dinâmica econômica e a forma de apropriação da cidade, reforçada pela "unidade e coesão interna do tecido imensamente complexo de *significações* que impregnam, orientam e dirigem toda a vida daquela sociedade e todos os indivíduos concretos que, corporalmente, a constituem" (CASTORIADIS, 1997, p. 239). Assim sendo, leva-se em consideração esse "complexo de significações" que coloca "o indivíduo como uma única realidade" (JUNG, 2008, p. 69):

Nesta época de convulsões sociais e mudanças drásticas é importante sabermos mais a respeito do ser humano, pois muitas coisas dependem das suas qualidades mentais e morais. Para as observarmos na sua justa perspectiva precisamos, porém entender tanto o passado do homem quanto o seu presente. Daí a importância essencial de compreendermos mitos e símbolos. (JUNG, 2008, p. 69).

Seguindo esse raciocínio, Bernardi (apud Contrera, 2008, p. 9), revela que "o símbolo deve ser mantido como enigma, algo que nunca será desvendado ou solucionado, que nunca será petrificado em significação", ou seja, "a imagem simbólica é portadora de energia, em contato com ela, somos afetados por algo" (CONTRERA, p. 10).

Imaginário social e intervenções urbanas: a relação possível

À luz das teorizações apresentadas, pode-se dizer que as intervenções urbanas estão em um caminho de mão dupla: ora são a materialização das imagens endógenas de alguém, produzidas a partir de uma afetação/inquietação insurgente, ora suas representações afetam quem com elas se deparam, em um ciclo de ressignificação constante.

Castoriadis acrescenta que

Denomino imaginarias essas significações porque elas não correspondem a – e não se esgotam em – referências a elementos "racionais" ou "reais", e porque são introduzidas por uma criação. E as denomino sociais, pois elas somente existem enquanto são instituídas e compartilhadas por um coletivo impessoal e anônimo. (CASTORIADIS, 1997, 238).

Por assim ser, neste cenário de significações e representações reais, irreais da imaginação na qual o ser humano busca o sentido de sua natureza "não individual, mas sim coletiva" (JUNG, 2008, p. 65), as intervenções urbanas tratadas neste estudo revelam mecanismos de convergência que almejam enfrentar o gélido e a dureza urbana de São Paulo, evidenciando uma estratégia imagética de transcendência, pautada na percepção e no estético que permeiam o imaginário social expressos nas manifestações poéticas espalhadas pela metrópole. Tendo em vista que "o poema tece o real com irreal ao dinamizar a linguagem pela dupla atividade da significação e da poesia (BACHELARD apud AUGRAS, 2009, p. 220). Ilustra-se o exposto com o recente graffiti da dupla de artistas Os Gêmeos (imagem 6), que a partir das ações tomadas pela prefeitura de São Paulo no programa de higienização urbana Cidade Linda, se inquietou e interviu imageticamente sobre um dos tantos muros cinzas da cidade. Isso porque o programa da prefeitura está fazendo o apagamento da arte urbana na capital paulista, arte essa que faz parte desse cenário insurgente de São Paulo. A decisão da prefeitura, tomada de forma unilateral e autoritária, tem reascendido uma antiga batalha entre poder público e interventores urbanos. No entanto, essa briga não se restringe mais aos pichadores, mas se sentem atingidos todos aqueles que voltaram a entender o espaço público como um ambiente saudável de convivência, troca e aprendizado.



Imagem 6: Graffiti de protesto dos irmãos Os Gêmeos, em São Paulo

Fonte: Os Gêmeos (2017)

Intervenção urbana... No Instagram: a convergência do concreto para o virtual

Curioso notar, no entanto, que o ato de se deparar com uma intervenção urbana nas caminhadas e passagens pela cidade está se transpondo para o digital. Com a onipresente existência das tecnologias de comunicação na vida contemporânea, especificamente as eletrônico-digitais, algumas dessas intervenções não são conhecidas – somente – por aqueles que transitam pelas ruas da cidade, mas sim por quem navega pelos circuitos elétricos das redes sociais na internet. Há quem conheça as intervenções APENAS pela web.

Pode-se dizer que esse fenômeno se dá considerando que a convergência do concreto para o virtual tem se naturalizado, levando em consideração as características da contemporaneidade no que diz respeito às formas de se comunicar.

De acordo com Jenkins (2009, p. 29) falar de convergência é se referir:

[...] ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam.

Para o autor, essa circulação de conteúdo depende quase que essencialmente da participação das pessoas, dos agentes comunicacionais, e não só exclusivamente dos conglomerados de mídia. "A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros" (JENKINS, 2009, p. 30). Isso porque, para ele,

A convergência não envolve apenas materiais e serviços produzidos comercialmente, circulando por circuitos regulados e previsíveis. [...] A convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias. Entretenimento não é a única coisa que flui pelas múltiplas plataformas de mídia. (JENKINS, 2009, p. 30).

O autor explica que há duas fontes de conteúdos convergentes: a fonte corporativa, ou seja, os meios de comunicação de massa tradicionais, e a fonte alternativa, aquela popular insurgente.

A convergência corporativa coexiste com a convergência alternativa. Empresas de mídia estão aprendendo a acelerar o fluxo de conteúdo de mídia pelos canais de distribuição para aumentar as oportunidades de lucro, ampliar mercados e consolidar seus compromissos com o público.

Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores (JENKINS, 2009, p. 46).

Nesse processo, ainda de acordo com o autor, a inteligência coletiva é crucial nos processos da cultura da convergência, ainda mais de resistência.

Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. Estamos aprendendo a usar esse poder em nossas interações diárias dentro da cultura da convergência. (JENKINS, 2009, p. 30).

Assim, quando a convergência corporativa e a convergência alternativa entram em confronto o autor afirma que é possível, como resultado, redefinir a face da cultura popular. (JENKINS, 2006, p. 46)

E é nesse contexto que se encontram as representações das intervenções urbanas no Instagram.

A rede permite a postagem de imagens e de vídeos de até 60 segundos com filtros retrô, perfis que compartilham essas intervenções pululam aos montes e foi escolhida para esta pesquisa por se tratar justamente por se tratar de um ambiente no qual os usuários compartilham entre si, exclusivamente, imagens (estáticas ou em movimento), ou seja, uma das principais características da intervenção urbana.

Em uma pesquisa com as palavras-chave "intervenção urbana" e "São Paulo", realizada na plataforma em 26 de setembro de 2016, resultou em uma diversidade de perfis que abordam o tema, com objetivos diversos; ora são uma maneira de registrar a efêmera passagem do interventor pela cidade, ora são uma versão dos antigos livrinhos de mensagens de sabedoria, compartilhando as frases positivas pichadas nos muros da capital; ora tentam oferecer a experiência desconcertante que é estar cara a cara com a intervenção urbana, promovendo a reflexão sobre sua existência na cidade. Há ainda aqueles perfis criados pelos próprios interventores que, ao deixar sua marca na cidade, a registram para compartilhamento – e notoriedade – na rede. Como exemplo ilustrativo tem-se as seguintes contas e seus *prints*:

Imagem 7: *Pichações das Ruas*, em sua descrição, diz "Eu picho, você pinta, vamos ver quem tem mais tinta?" como uma maneira de registrar as pichações antes que elas sejam apagadas, seja pela iniciativa privada, seja pelo poder público.



Fonte: Instagram (2016 a)

Imagem 8: *Poesia das Ruas* traz mensagens positivas deixadas pelas ruas da cidade como forma de promover resiliência. Em sua descrição está escrito: "Num mundo doente, toda poesia é bem-vinda".



Fonte: Instagram (2016 b)

Imagem 9: *Olhe os Muros*, por outro lado, tem um posicionamento político. "Mantenha os olhos atentos e a cabeça erguida. A cidade quer se comunicar e tem algo a lhe dizer. Repare nos muros. Pare. Pense", diz a sua frase de identificação.



Fonte: Instagram (2016 c)

Imagem 10: Leandro Dario é um artista plástico que modifica a paisagem da cidade inserindo caveiras feitas de crochê em ambientes variados.



Fonte: Instagram (2016 d)

O número de seguidores de cada um desses perfis é outro item que chama à atenção. Enquanto *Pichações das Ruas* tem 74,4 mil seguidores, *Poesia das Ruas* tem 63,8 mil e, Olhe os Muros, mais de 120 mil outros perfis que o seguem. O engajamento nas postagens também tem resultado semelhante, conforme confirmam os prints a seguir:

Imagem 11: Postagem do perfil *Pichações das Ruas* com mais de 5 mil curtidas e 40 comentários.



Fonte: Instagram (2016 e)

É importante ressaltar que, apesar de a maioria dos exemplos apresentados trazerem intervenções relacionadas à pichação, outras iniciativas de intervenção urbana também estão na rede estudada; conforme indicam os *prints* a seguir:

Imagem 12: Artes Urbana traz manifestações relacionadas ao graffiti.



Fonte: Instagram (2016 f)

Imagem 13: *Manifesto das Mina* traz imagens dos cartazes lambe-lambe do projeto homônimo, que espalha mensagens feministas pela cidade.



Fonte: Instagram (2016 g)

Imagem 14: *Pimp My Carroça*, também um projeto, apresenta o resultado de suas intervenções feitas em carroças de catadores de materiais para reciclagem, dando visibilidade a essas pessoas nas ruas da cidade e, também, na internet.



Fonte: Instagram (2016 h)

Com as imagens apresentadas, confirma-se que a transposição do concreto para o virtual é uma realidade no que diz respeito às intervenções urbanas. No entanto, o que resta saber, de fato, é se a efetividade da mensagem externada nos muros, nas ruas, ao ser fotografada e reproduzida no Instagram, surtem o mesmo efeito em distintas plataformas.

Para essa reflexão, resgata-se o estudo de Arruda e Moreira (2013) sobre o fenômeno dos cartazes de protesto empunhados durante as manifestações de 2013 no Brasil. À época, os cartazes com palavras de ordem foram as grandes vedetes, ferramentas de comunicação, tanto

nas ruas quanto na internet. Páginas e sites que reuniam "os melhores cartazes de protesto" surgiram aos montes, assim como gráficas que se ofereciam para imprimir gratuitamente os cartazes e outras iniciativas semelhantes se concretizaram. Para os autores,

O homem contemporâneo vive a expansão dos sinais comunicativos. Quebrando a barreira do espaço-tempo com a comunicação via satélite, no entanto, há uma gradativa perda de complexidade e de vinculação entre os agentes comunicativos, ou seja, emissor e receptor. Talvez por conta disso, o regresso às raízes primárias da comunicação tenha se feito tão presente nas manifestações político-sociais que têm acontecido no Brasil e no mundo recentemente. (ARRUDA e MOREIRA, 2013, p. 12).

Fala-se aqui de um resgate da comunicação vinculadora, que na verdade passa bem longe dos conceitos acadêmicos do que é comunicação e, talvez por isso, seja praticada pelos cidadãos comuns ao não se sentirem nem representados e nem verem sentido naquilo que é transmitido pelos meios hegemônicos.

Comunicação e complexidade: sobre a necessidade de se rever velhos conceitos

Se a Comunicação em si é inerente ao ser humano, as investigações científicas sobre ela são bem mais recentes. Quem afirma Mattelart (1999) em seu História das Teorias da Comunicação. O autor apresenta como pioneira nesses estudos a Escola de Chicago, fundadora das primeiras reflexões teóricas sobre a comunicação humana a partir do início do século XX, justamente quando a comunicação em massa é uma realidade, com os veículos impressos já difundidos por toda Europa e Novo Mundo, e a mídia eletrônica à distância, com o rádio, passava a se solidificar.

Pode-se dizer, assim, que tirando o aspecto antropológico da coisa, as técnicas e as práticas da comunicação humana começaram de fato a ser estudadas com um único objetivo: o da efetividade da transmissão da mensagem pretendida por um emissor. E daí essa área evoluiu, sem se dar conta de que, na verdade, ao invés de se estudar a Comunicação Humana, estudava-se os MEIOS⁵.

Se os estudos sobre comunicação são recentes, as universidades que formam profissionais na área são mais ainda. No Brasil, então, somente na primeira metade do século XX que os cursos universitários na área se estabeleceram. Não podendo ser diferente, ao estruturar suas matrizes curriculares, essas escolas se fundamentam nos renomados autores da

15

⁵ Não à toa a afirmação de Marshal McLuhan (2002) de que "o meio é a mensagem" foi – e continua sendo – tão aclamada entre os teóricos da comunicação.

área – até então os únicos consolidados do meio, e privilegiam as técnicas e as práticas, ora do meio, ora da mensagem, em suas matrizes curriculares. Nesse sentido, os cursos passam a privilegiar a lógica do mercado, e não de fato a da comunicação, e esse entendimento sobre o que é e o que é a comunicação se estendeu para o senso comum.

As intervenções urbanas, por outro lado, não obedecem a essa lógica. Elas se relacionam de modo mais íntimo com aquilo que Pross (1972, apud BAITELLO, 1998) denominou de mídia primária e mídia secundária em sua teoria da mídia. Para o autor "Todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial chamada corpo" (BAITELLO, 1998, p. 11). Ele explica que

As investigações da mídia primária, o corpo e suas incontáveis possibilidades de produção de linguagens têm sido relegadas a um segundo plano nas ciências da comunicação (mas não na Psicologia, na Etologia Humana, na Antropologia). Os sons e a fala, os gestos com as mãos, com a cabeça, com os ombros, os movimentos do corpo, o andar, o sentar, a dança, os odores e sua supressão, os rubores ou a palidez, a respiração ofegante ou presa, as rugas ou cicatrizes, o sorriso, o riso, a gargalhada e o choro são linguagens dos meios primários.

Γ 1

A instância "corpo" é fundante para o processo comunicativo. É com ele que se conquista a vertical, a dimensão do espaço que configura as codificações do poder. É com ele que se conquista a dimensão da horizontalidade e as relações solidárias de igualdade. É com o corpo, gerando vínculos, que alguém se apropria de seu próprio espaço e de seu próprio tempo de vida, compartindo-os com outros sujeitos. Mas é também aí, no estabelecimento de vínculos, materiais ou simbólicos, que inicia a apropriação do espaço e do tempo de vida de outros. (BAITELLO, 1998, p. 12).

Dando continuidade a esse processo, a mídia secundária seria aquela em que, constatada a finitude do corpo, o ser humano teria encontrado uma forma de se perpetuar no espaço-tempo, deixando marcas sobre a superfície de forma que, além do corpo, fosse necessário um aparato para que a mensagem fosse registrada e se tornasse mais duradoura. Está aí a essência da intervenção urbana... Mas na atual conjuntura, ela não para por aí.

A teoria da mídia de Pross inclui também a mídia terciária, ou seja, a mídia eletrônica, aquela que necessita de um aparato codificar e um aparato decodificador da mensagem, além do corpo. Ela foi desenvolvida para que o homem pudesse, enfim, superar as barreiras temporais e espaciais da finitude do corpo e levar a mensagem para um onde e um quando tão distantes quanto for possível imaginar. A crítica, no entanto, é que sem o corpo, a intensidade do contato, do contágio da comunicação, seria mínima, logo, não haveria o vínculo, sendo a comunicação pela mídia terciária superficial e sem sentido. Seria esse o caso dos perfis de

Instagram que reproduzem na rede virtual as intervenções urbanas do concreto? Difícil afirmar com certeza.

Isso porque, conforme explicado anteriormente na contextualização sobre imaginário, as imagens exógenas por si só não são capazes de gerar afetação em alguém. Seu efeito, seja ele qual for, só existe sobre aquele que tem bagagem bio-psico-sócio-cultural, nos termos de Morin (1979), para elas; ou seja, uma horta em um poste pode ser só uma horta em um poste para quem nunca teve a experiência de compartilhar mudas de plantas com a vizinhança, ou, então, pode ser o incentivo que faltava para que alguém iniciasse uma horta compartilhada em sua comunidade... E isso não importa se essa pessoa teve contato com a intervenção no concreto ou no virtual. São as referências do *homo-sapiens-demens*, em outra nomenclatura moriniana, que fizeram a diferença.

Considerações finais

Morin explica o homo-sapiens-demens como

[...] um ser de uma afetividade imensa e instável, que sorri, ri, chora, um ser ansioso e angustiado, um ser gozador, embriagado, extático, violento, furioso, amante, um ser invadido pelo imaginário, um ser que conhece a morte não pode acreditar nela, um ser que segrega o mito e a magia, um ser possuído pelos espíritos e pelos deuses, um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser objetivo cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser submetido ao erro, ao devaneio, um ser híbrido que produz a desordem. (MORIN, 1979, p.116).

Para o autor, o *homo-sapiens-demens* surgiu a partir do momento em que seus ancestrais se deram conta de sua finitude corpórea e passaram a se imaginar, enfim, vencendo essa finitude, ou seja, justamente no momento em que a evolução dos meios de comunicação, na teoria da mídia de Pross, aconteceu.

Apesar de se estar falando aqui daquilo que aconteceu com o homem antes mesmo da história como esta é conhecida, resgatar esses momentos já comprovados cientificamente da existência do homem, por mais longínquos que pareçam estar, para os estudos contemporâneos da comunicação, faz-se pertinente a partir da perspectiva complexa de que a cultura humana é um acumulado de camadas que se sobrepõem e que nunca desaparecem por completo... Elas ficam nas profundezas e, vez ou outra, um terremoto é capaz de trazer as camadas mais profundas da cultura à tona, apesar de isso contrariar uma série de interesses econômicos-mercadológicos.

É o que acontece, por exemplo, com a prefeitura de São Paulo e o seu programa higienista Cidade Linda, que acontece à revelia da população. Ao apagar as intervenções insurgentes da população nos muros da cidade, o governo municipal comprou uma ineficiente briga com os pichadores, grafiteiros e, agora, interventores urbanos da capital. Isso porque a guerra contra a arte de rua é das mais burras e ineficientes que pode existir. A rua é um organismo vivo e reflete as pessoas que dela se ocupam. E a intervenção urbana faz parte desse processo... Seja no concreto ou no virtual. Quem vai dizer onde o impacto da mensagem foi mais forte, no entanto, é só quem teve contato com ela. E isso é comunicação.

Referências

ARRUDA, Agnes de Sousa. MOREIRA, Hércules Silva. **Das Ruas Para a Web E Vice-Versa: Os Cartazes De Protesto Como Folkcomunicação No Mundo Real E No Mundo Virtual.** In XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1195-1.pdf>. Acesso em 30 jan. 2017.

ARRUDA ROCCO, Agnes de Sousa; MIKLOS, Jorge. **Não existe mesmo amor em SP? Grupos marginalizados e a reconstrução de um imaginário social para São Paulo (ou Mais Amor, Por Favor).** In XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em http://migre.me/v4Y2G . Acesso em 25 set. 2016.

AUGRAS, Monique. **Imaginário da magia, magia do imaginário**. Rio de Janeiro: PUC, 2009.

BAITELLO Jr. Norval. **Comunicação, Mídia e Cultura.** In São Paulo em Perspectiva. V. 12, nº 04, Comunicação e Informação, Out-Dez. 1998. Disponível em http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_02.pdf>. Acesso em 8 jun. 2015.

BARJA, Wagner. Intervenção/terinvenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano. In Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI), v.1 n.1, p.213-218, jul./dez. 2008. Disponível em http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/816/2359. Acesso em 30 jan. 2017.

BLASTING NEWS. **Grupo paulista Coletivo Escala Humana "planta" ervas de hortelã nos postes da cidade.** 6 jul. 2015. Disponível em http://br.blastingnews.com/sociedade-opiniao/2015/07/grupo-paulista-coletivo-escala-humana-planta-ervas-de-hortela-nos-postes-da-cidade-00467239.html. Acesso em 30 jan. 2017.

CASTORIADIS, Cornelius. As **Encruzilhadas do Labirinto: os Domínios do Homem II**. Tradução José Oscar de Almeida Marques. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CONTRERA, Malena. **Imagens endógenas e imaginação simbólica.** Disponível em http://www.compos.org.br/biblioteca/artigomalenacomp%C3%B3sautoria_2882.pdf>. Acesso em 30 jan. 2017.

Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo. São Paulo: Annablume, 2010.
G1. Monumentos aparecem pichados com tinta colorida em SP. Disponível em http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/monumentos-amanhecem-pichados-comtinta-colorida-em-sp.html . Acesso em 30 jan. 2017.
GITAHY, Celso. O que é graffiti. São Paulo: Brasiliense, 1999.
HILLMAN, James. Cidade e Alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
HYPENESS. Grupo de intervenção urbana decide "reformar" São Paulo consertando pequenas coisas pela cidade. 8 out. 2014. Disponível em http://www.hypeness.com.br/2014/10/grupo-de-intervencao-urbana-decide-reformar-sao-paulo/ . Acesso em 30 jan. 2017.
INSTAGRAM. Pichações das ruas. Disponível em http://migre.me/v4Y2V . Acesso em 25 set. 2016 a.
Poesia das ruas. Disponível em http://migre.me/v4Y3f >. Acesso em 25 set. 2016 b.
Olhe os muros. Disponível em http://migre.me/v4Y3y . Acesso em 25 set. 2016 c.
Leandro Dario; Caveira em Santo Amaro. Disponível em http://migre.me/v4Y3P >. Acesso em 25 set. 2016 d.
Pichações das ruas; Intervenção alienígena já. Disponível em http://migre.me/v4Y3Z >. Acesso em 25 set. 2016 e.
Artes urbana. Disponível em http://migre.me/v4Y4h . Acesso em 25 set. 2016 f.
Manifesto das mina; Mexeu com uma, mexeu com todas. Disponível em http://migre.me/v4Y4C >. Acesso em 25 set. 2016 g.
Pimp my carroça; Biro Biro. Disponível em < http://migre.me/v4Y5f >. Acesso em 25 set. 2016 h.
JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.
JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. Tradução de Maria Lucia Pinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
MARICATO, Erminia. Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013. MORIN, Edgar. Cultur de Massas nos Século XX – Volume I: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
Enigma do Homem: o paradgma perdido. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MATTELART, Armand. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999.

MAZETTI, Henrique Moreira. **Intervenção urbana: representação e subjetivação na cidade.** In XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação — UnB — 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em

http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf. Acesso em 30 jan. 2017.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.** 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2002

MORIN, Edgar. **O enigma do homem.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

OS GÊMEOS. Página Oficial no Facebook. Disponível em

https://www.facebook.com/osgemeos/photos/a.213154548812199.54194.207835592677428/1093841677410144/?type=3&theater. Acesso em 30 jan. 2017.

PAIVA, Raquel. TUZZO, Simone Antoniaci. Comunidade, Midia e Cidade: possibilidades comunitárias na cidade hoje. Goiania: FC/UFG, 2014. SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

PLANETA SUSTENTÁVEL. Eduardo Srur ocupa margens e pontes do Rio Pinheiros contra poluição da água. 19 set. 2014. Disponível em

. Acesso em 30 jan. 2017.

THOMPSON, John B. **A Midia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2014.